



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração — Calçada do Combro, 28-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
End. telegr. Talha — Lisboa • Telefone: 2
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Funcionalismo

Como noutro lugar referimos, reves-
tu grande importância a reunião magna
do funcionalismo, realizada ontem na
sala de ginástica do Liceu de Ca-
mões.
Ali se viam largamente representa-
dos os funcionários dos dois sexos, de
todos os ramos e de todas as categorias,
irmãos, todos, dentro do mesmo
objectivo, defendendo todos, as mesmas
reivindicações, sentindo todos, os sofri-
mentos comuns e dispondo-se, todos,
com a mesma serena decisão e o mesmo
vibrante entusiasmo, a lutar e a vencer.
Já nisto a reunião do funcionalismo,
ontem levada a efeito, teve um alto va-
lor: o valor que resulta de uma forte
unidade de vistas, da extinção, para o
efeito, da antiga e alitante divisão en-
tre o pessoal maior e o pessoal menor,
e ainda de ter posto, a tempo, um ponto
final ao ódio e à luta dos sexos, colo-
cando a mulher, que vive do seu tra-
balho, em igualdade de circunstâncias aq-
ue em que o homem se encontra on-
venha a encontrar-se sob o ponto de
vista económico.

Mas não foi só este o alto signifi-
cado de reunião do funcionalismo. Nos dis-
cursos proferidos pelos diversos ora-
dores — discursos cheios de elevada orat-
ção, por vezes brilhantes, por vezes
arrebatações, sempre ferindo a nota
justa — alguma coisa mais apareceu do
que a defesa de legítimos e indiscutíveis
interesses de classe, do que a revolta
de populações escravizadas e explora-
das, do que a humana e lógica reclama-
ção de quem se vê juncado à canga
do trabalho e ainda esquecido e espe-
lhado e escarnecido. A reunião de on-
tem, realizada pelo funcionalismo, tra-
duziu ainda, já pelas palavras de cer-
teira crítica dos oradores, já pela ma-
neira como a enorme assembleia subli-
nou essas palavras, um tremendo li-
belo acatado contra os partidos po-
líticos de todas as cores, contra as at-
titudes dos governantes que sucessiva-
mente se tem substituído no poder e
contra os parlamentos e parlamentares
de pechisque.

Assim, proclamou-se a necessidade
do funcionalismo bem se apartar de
todos os partidos, de todos os agrupa-
mentos e grupelhos em que esses parti-
dos se encontram divididos e subdivi-
didos.

A greve dos ferroviários do Estado já se estendera à classe fer- roviária do Minho e Douro

Nota oficial

A greve é geral em toda a rede do
Sul e Sueste e Minho e Douro, tendo o
Comité Central tido uma conferência
com o ministro do comércio, pela 1.^a
hora de ontem, a pedido daquela en-
tidade. Ao movimento aderiu todo o
pessoal superior.

As estações, que com pleno conheci-
mento do governo estavam guardadas
pelo pessoal grevista, foram tomadas
pela força armada, sendo a linha guar-
necida militarmente.

A atitude ordeira e serena do pes-
soal, este a responder já os actos de
violência da força, tendo sido expul-
sões da casa do partido, em Alhos Ve-
dros, e respectivo capataz e os assen-
tadores da via, que ali permaneciam,
expulso feita pela guarda republi-
cana.

Estes actos são contrários à declara-
ção do ministro do comércio, que afir-
mou ao Comité estar na disposição de
não violentar o pessoal, deixando que
as estações permanecessem sob a guar-
da do mesmo.

Desta data em diante, este Comité
declina toda a responsabilidade pela se-
gurança das mercadorias e haveres en-
tregues ao caminho de ferro, visto os
riscos que se produzem serem da
responsabilidade da força armada, co-
mo tem sucedido em movimentos an-
teriores.

O Comité Central

A greve mantém-se estacio-
nária — Ferroviários mi-
litares para o Barreiro

Mantém-se no pé em que estava a
greve dos ferroviários do Sul e Sueste.
Ontem muito cedo ainda, muita gen-
te começou a aluir à estação do Ter-
reiro do Paço com o fim de embarcar
para os diversos pontos daquelas linhas,
ficando surpreendida com a paralização,
que anteontem apenas foi noticiada por
dois jornais da noite. Durante o dia ca-
sos semelhantes ocorreram, acentuando-
se no número os indivíduos que tinham
bilhetes de ida e volta e que a Lisboa
havia vindo tratar de negócios, para
imediatamente regressarem às suas ter-
ras. Não houve felizmente nenhum in-
cidente de gravidade.

Na estação estiveram alguns inspec-
tores e empregados superiores, não tendo
até agora tomado conta da estação a
força armada.

A ponte atracaram alguns vapores
da policia maritima.

Na estação do Jardim do Tabaco o
serviço paralizou à mesma hora que no
Terreiro do Paço, sendo as portas fe-
chadas por ordem do chefe. O pessoal
da repartição dos caminhos de ferro do
Estado, do largo do Caldas, secundou
o movimento.

Do Terreiro do Paço não tem segui-
do vapor algum para o Barreiro.

Ontem seguiu para o Barreiro um
destacamento do regimento de sapatei-
res de caminhos de ferro, composto de
trinta praças. Também para ali foram
para serviço do destacamento alguns
camions. Quando é que os trabalhado-

dos. Verberou-se a esterilidade da vida
parlamentar e o egoísmo e desfaçatez
dos parlamentares que a si próprios
aumentaram os seus vencimentos, achán-
do agora exageradas as reclamações
das classes que pedem mais vencimen-
tos também. Causticaram-se com justiça
os políticos que tem administrado tão
desgraçadamente este país levando-o,
por incompetência sempre, por crime
muitas vezes, a deplorável situação, em
que se encontra, de desorganização,
decadência e ruína. Aplicou-se à atitude
do actual governo e à sua nota oficial
de ontem o correctivo que merecia e
que merece.

A comissão que há vários meses
vem trabalhando pela equiparação de
vencimentos, responderam, há três dias,
o ministro das finanças e o presidente
do ministério, respondendo ao governo na
sua famigerada nota oficial, que o
assunto demanda estudo aturado, que
o caso é complexo, etc. E é isto pre-
cisamente que não se percebe e que ju-
stamente foi criticado: *Se não conhe-
mos as questões mais importantes, os pro-
blemas mais instantes do país, os casos
que reclamam soluções urgentes, im-
ediatas, se a sua ignorância é absoluta,
se não se preparam, se não incompeten-
tes — para que assumem o poder? Para
que?*

A reunião de ontem, realizada pelo
funcionalismo, marca bem o início de
uma época nova. Imponente pelo nú-
mero, pela forte unidade de vistas,
pela elevação das ideias expandidas,
da justiça e inteligente crítica, foi o
ainda mais pelo aspecto reconstitutivo,
renovador, que nitidamente manifestou.
Para que esse aspecto bem firmemente
se salientasse, a unidade e enorme assem-
bleia terminou por se irmanar com as
classes trabalhadoras, com o operariado
organizado, saudando entusiasticamente,
delirantemente, a Confederação Ge-
ral do Trabalho e o seu órgão na Im-
prensa — A Batalha.

Meus senhores! Sossobra, submerge-
se uma sociedade putrefacta. Mas prin-
cipia a organizar-se, já, aquela que há
de substituir muito breve e com vanta-
gem. Que de nada se arreceem, pois, os
mas timorosos e que à taretá todos
metam ombros, decididamente.

res fardados, deixatão de ser um jogue-
te nas mãos da sociedade burguesa?

**Um conflito na estação
do Rocio, à partida dos de-
legados do Minho e Douro**

Anteontem, à hora da partida do
correu para o Porto, e porque, ao que
parece, se pretendeu evitar que nesse
comboio seguissem os ferroviários que
aos seus camaradas do Minho e Douro
deviam relatar o que no sul ocorrera,
compareceram na estação do Rocio o
chefe do Estado-maior da guarda republi-
cana sr. Liberato Pinto, acompanhado
por vários oficiais e praças, dando
ordem para que não seguissem viagem
os empregados dos caminhos de ferro
que tivessem bilhetes com a regalia de
75 % de abatimento.

A ordem provocou celeuma, porque
muitos empregados da Companhia Por-
tuguesa se haviam metido no comboio
com suas famílias, e de costume os sa-
bados, para ir passar fora o dia de
domingo e que por tal facto tiveram
que desembarcar. Os ferroviários co-
missionando, quando perceberam do
que se tratava, foram comprar bilhete
inteiro, sendo portanto tomados como
passageiros vulgares e como tais mar-
charam para o Porto.

O comboio só partiu uma hora depois
chegando-se à eminência de ficar na
estação por não quererem os empreg-
ados do comboio sair sem que os seus
camaradas da C. P. nele fôsssem com as
famílias.

Afinal tudo se compôs sem conse-
quências de maior monta.

**Os ferroviários do Minho e
Douro declaram-se em
greve**

PORTO, 29. — Chegaram esta manhã,
no comboio-correio, os delegados dos
ferroviários do Minho e Douro que se
encontravam em Lisboa, e que às 11
horas expuseram na assembleia magna
da classe o resultado dos seus tra-
balhos na capital. Seguidamente votou-se
a greve nestas linhas, tendo, porém,
assentado os grevistas em que todos os
combóios em viagem devam chegar ao
seu destino. Votada a greve todo o pes-
soal abandonou o serviço, permanecendo
do, porém, nas estações os respectivos
chefes.

Os grevistas ofereceram-se ao comi-
sário adjunto da policia, capitão sr. Al-
fredo Esteves, para guardarem os cais
e as estações, sendo sua intenção en-
tregar as mercadorias de fácil deteriora-
ção, do que desistiram em face da
ocupação militar.

Pouco depois, efectivamente, a esta-
ção de Campanhã era tomada por uma
força da guarda republicana sob o co-
mando do capitão sr. Luís Ribeiro.

Essa força foi distribuída pelo cais,
agulhas e linhas de Campanhã.

Para a estação de S. Bento foi uma
força sob o comando de um sargento.
O batalhão n.º 8 da guarda republi-
cana distribuiu patrulhas pela linha.
Por tal motivo os combóios da C. P.

ARTE E OS ARTISTAS

Exposição Alberto Sousa

Alberto Sousa é um pintor conscien-
cioso, sóbrio. As suas pinturas são
dadas com segurança e o seu desenho é
sólido.

Se contemplarmos um cartão ou exa-
minarmos a sua obra adivinhámos em
todos os quadros a mesma mão que os
pincelou, e o mesmo cérebro forte que
escolheu o assunto. Quere isto dizer
que Alberto Sousa se repita em todos
os seus cartões? De maneira alguma.
Vê-se apenas que o pintor possui uma
técnica muito sua, um gosto igualmente
seu e, sobretudo, vê-se uma directriz,
um fôto, nos seus trabalhos. Por isso a
exposição vale e deve ser apreciada em
conjunto.

Há muitos pintores que, por inex-
periência ou temperamento, apesar das
suas obras terem um relativo valor ar-
tístico, ensaiam, em cada quadro, uma
técnica diversa. Nada disso vimos em
Alberto Sousa; o autor sabe quem é e
até onde pode chegar.

Predominam nos seus cartões o mo-
numental, a nota arquitectónica. Longe,
porém, de nos aborrecer com fragor
rectilíneos, como faria qualquer arqui-
tecto, vê-se pelo contrário, que o monu-
mento, a igreja, ou o simples portal,
se tornam atraentes, e que essas notas
se nos interessam e as sentimos como se
realmente fivesssem sido feitas ao mes-
mo gosto. E só conseguimos tal efeito
o que é verdadeiramente artista.

Nos podemos, no entanto, explicar a
razão de tal naturalidade.

Out plano preconcebido ou por
tendência natural do seu temperamento,
o sr. Alberto Sousa soube dissolver to-
do a aridez que uma obra do seu géne-
ro apresenta geralmente ao público. O
pintor não se limitou a lançar ao car-
tilho, como qualquer copista, o trecho
batalha desenhado, ante os seus olhos,
fez mais alguma coisa — apañou tam-
bém a vida que rodeia esse trecho. E
sem que o assunto, a parte monumen-
tal descesse no interesse do público,
ele pintou-o à hora batalha do sol, quan-
do o povo passa entretido nas suas ocu-
pações, por entre o tumulto duma fei-
ra, junto a uma rua de grande pas-
sagem. Mas o verdadeiro assunto, o
assunto, o arquitectónico, resalta sem-
pre, domina a fôrma predominante na
rua, reflecte melhor o sol que o beija.

A par, ou melhor seguindo quasi,
sempre, embora num papel secundário,
o povo, sempre o povo é o segundo as-
sunto. E o homem do povo nas ruas
das cidades, é o camponês tam caracte-
rístico e tam decorativo na aldeia ou
na vila que aparece em quasi todos os
cartões; mas o homem é sempre interior
junto das igrejas, é um ninguém sem
importância, perto dum convento; a
pedra, a grandiosidade da pedra, a vi-
la ou aldeia monumental cobrem com
a sua pesada sombra a vida humana in-
significante.

Os assuntos são, alguns deles, ingrat-
tos, no entanto, o trabalho honesto do
autor impõe-os, porque os soube tra-
tar com flagrante realidade. Está ali o
que todos nós vemos.

Agora, o que podemos afirmar é que a
obra de Alberto Sousa, apesar de
muito correcta, e muito natural, já
arrebata quem a contemple, porque
ela não se baseia em nenhum dos gran-
des motivos de viver.

Não há uma emoção forte naqueles
quadros, nem uma alegria intensa, nem
uma tristeza arrepiante. O próprio tra-
balho, o trabalho do povo que o sr. Al-
berto Sousa não esqueceu, é ameno,
calmo. Os magotes de povo que passam,
são banais, a banalidade superficial que
toda a gente vê. Os pequenos traços,
muito particulares que os artistas sa-
bem observar e que tem por obriga-
ção fazer vibrar aos olhos do público
não se encontram na sua obra.

Os seus quadros são belos, são bem
feitos, mas constituem apenas um pra-
zer para meia dúzia, e uma série de
manchas curiosas para a maioria.

M. D.

organizaram-se em Gaia e ali tem o
termo da sua viagem.

**Sindicato Ferroviário
da Companhia Portuguesa**

Tendo reunido os corpos gerentes
juntamente com a comissão de melho-
ramentos, resolveram ficar em sessão pre-
sente. No entanto, os corpos directivos
pedem a todos os camaradas que se
sustentem com calma e ordem, espe-
rando as ordens que lhes possam ser
dadas de momento e ao mesmo tempo
o desenrolar dos acontecimentos.

Vida cara e difícil

Para a mercearia de António Augusto
Gomes, rua do Conde, 51 e 53, entraram,
no dia 20 do mês passado, pelas 17 e meia
horas, duas sacas com açúcar.

No dia seguinte a companhia da cam-
rarda António Maria Pereira, um quarto de
hora antes de abrir a loja, encorparou-se
na carreira para obter algum açúcar.
Isto é o pão nosso de cada dia e não se-
bia estar a vez e depois de vender al-
guns quilos daquele género declarou que
este era tudo acabado.

O camarada António Maria Pereira afir-
ma ser impossível que tal acontecesse em
um pouco tempo, o que nos leva a crer
que o dito merceiro fez uma distribuição
que não vendeu.

O açúcar destinava-se ao camarada Pe-
reira, que nessa ocasião estava de cama, e
a três crianças doentes, sendo, portanto,
uma necessidade imprescindível. Valeu-lhes
duas vizinhas que francamente dispuseram
de algum que possiam para seu consumo.

Isto é o pão nosso de cada dia e não se-
bios quando virá uma chuva de picaretas
que arraze todos estes honrados com-
erciantes.

CAMBIO

Correctores de câmbios e banqueiros
As dívidas internacionais

As variações cambiais desfavoráveis a um país nem
sempre provam incapacidade do seus governantes;
mas os câmbios anormais a enorme distância do pa-
rão eloquente demonstração da loucura administrativa

II

No artigo anterior houve umas dia-
bruras tipográficas que o tornam in-
compreensível.

A primeira, aparece na 2.ª coluna, li-
nha 36 a contar do fim onde saiu: é
apresentada por competente sacado...
deve ler-se: é apresentada por este
(Martinho) ao competente sacado... etc.
A 2.ª diabrura resalta das chamadas
(1) e (2) quando tratamos da subida e
da baixa do câmbio inglês nos três úl-
timos parágrafos da mesma coluna. Em
vez das chamadas (1) e (2) deviam ser
ambas (1) pois que neste n.º 1 é que tra-
tamos das nossas relações com Ingla-
terra. O texto da chamada n.º 2 refere-se
a França de que no artigo em questão
se não fala.

Pôsto isto, continuemos:
Fenômenos inversos se realizarão
em Inglaterra num caso ou no outro
agora estudados.

Mas isto ainda não é tam simples co-
mo imaginámos. A questão complica-se
um pouco com a diferença das moedas
dos dois países. Em Inglaterra, como
se sabe, a moeda é a libra, o xelim
(shilling) e o penny, e, entre nós, o es-
cudo e o centavo... agora.

Nestas condições, é preciso reduzir
as moedas de um e outro país ao mes-
mo peso de metal nobre; porque se
compreende bem que, se eu vender a
alguém fazendo que me custou ouro e
receber como pagamento um montante
de numerário de que não obtenha tanto
ouro como o que a fazenda me custou,
eu fiz um péssimo negócio.

Comparando as moedas inglesas com
as nossas, com as francesas, com as
americanas, etc., etc., resulta que para
se ter o mesmo peso de metal nobre
existente na liga que as constitui, é ne-
cessário reunir: 45500 réis (dos bons...),
francos 25,21; dólares 4,86; libras 1,0,0.
O mesmo seja que dizer-se: uma libra
inglesa vale o mesmo que 25 francos e
21 centimos que 4 dólares e 86 cent-
avos, que 45500 réis. Chama-se esta absoluta
equivalência e igualdade de peso de me-
tal nobre, o par.

Dois países, portanto, em perfeita
igualdade de crédito; não devendo re-
ciprocamente mais um do que o outro,
inspirando igual confiança, não há ra-
zão para que as moedas dos dois, ten-
do o mesmo valor, deixem de correspon-
der-se exactamente e se não man-
teha o câmbio ao par; isto posto de
parte aquela depreciação natural que
as moedas sofrem devido à diminuição
de peso consequente do uso aturado.

Mas rebenta uma revolução num
desses países; altere-se o preço da mo-
eda; haja motivos de descrédito público;
exagerem-se as despesas; aumentem-se
as importações sem correspondente de-
senvolvimento das exportações; isto é: o
preço do câmbio ascende; isto é: paga-
se mais pelo papel estrangeiro. Todas
as perturbações do crédito se reflectem
na estima em que se tem as letras de
câmbio.

Quando se trata da exportação da
moeda, tem de se atender entre várias
outras cousas, à diminuição de peso de
que falámos acima; isto é: a diferença
entre o peso teórico de metal nobre que
ela deve ter e aquele que realmente tem
na ocasião da remessa.

Isso dá origem a um prémio sobre o
ouro que se junta ao frete, seguro,
etc., a dispendir, com a remessa do
metal. Como já dissemos, o montante
de todas essas despesas não deve ser ex-
cedido pelo preço do câmbio.

Imaginemos Inglaterra nossa credora.
Mas este país pode também ser de-
vedor a França, por exemplo. Sucedem,
evidentemente, os mesmos factos que
apreciamos no caso com Portugal. O
papel inglês baixa do par e o francês
sobe respectivamente em França e em
Inglaterra.

Então os correctores ou banqueiros
compram papel inglês em França onde
ele está barato para o revenderem onde
a cotação está alta. Esta sorte de cam-
bistas, com esta transacção aumentam o
nosso crédito sobre Inglaterra, dimi-
nuindo o saldo devedor.

O equilíbrio, pois, pôde restabelecer-
se depressa, pela acção do câmbio, sem
transporte de numerário ou muito pouco
se o desequilíbrio não é profundo.

Quando sucede o contrário, quando
o mal é grande, a volta ao estado nor-
mal é mais morosa e não se faz espontâ-
neamente pela acção do câmbio. Só a
drenagem do ouro do país devedor ou
de valores representativos de seus cré-
ditos permanentes ou o recurso ao em-
préstimo no estrangeiro, podem resta-
belecer a normalidade.

Mas então os grandes bancos, em face
dessa perspectiva de saída dos seus este-
ques de metais nobres, a que se não po-
dem nem devem oppor, procuram atenuar
a recorrendo à alta da taxa do desconto,
evitando assim que essa drenagem seja
total, aumentando ainda progressiva-
mente essa taxa.

Em vista disto o papel afine menos
a desconto e a finança especuladora,
tendo o rebate da gravidade da situa-
ção, modera os seus impetus à força
voluntariamente. Compreende-se que
os comerciantes e industriais, tendo
grande capital immobilizado em letras
por não as poderem descontar como
anteriormente; ou tendo de se sujei-
tar, se as descontam, a uma elevada
taxa que lhes vai afectar os lucros, são
forçados a afrouxamento de actividade.

UMA CLASSE QUE SE REVOLTA

Os funcionários públicos

pronunciam-se aber-
tamente pela greve

Uma assembleia de 10.000 pessoas — A. C. G.
T. entusiasticamente saudada

No licen Camões, ao Matadouro, rea-
lizou-se ontem a anunciada assembleia
magna do funcionalismo público, a fim
da sua comissão central apresentar o
resultado dos seus trabalhos para a
equiparação de vencimentos e melhoria
de situação.

Presidiu à assembleia, que sem exa-
gêro se pode computar em 10.000 pes-
soas, Nogueira de Brito, 2.º official do
ministério do interior, secretário por
Pires Lavado, dos correios e telégrafos;
Júlia Pequito, professora; João Costa,
Alvaro de Sousa, do Porto; e Santos
Silva, dos correios e telégrafos. O pre-
sidente iniciou os trabalhos com um
breve discurso, fazendo ver a difícil si-
tuação económica do funcionalismo pú-
blico e verberando o indifferntismo dos
governantes para com as suas reclama-
ções, sendo muito aplaudido. Por pro-
posta do presidente da mesa, é aprova-
da uma saudação à corporação dos cor-
reios e telégrafos, depois do que se
passou à leitura do expediente, de que
constavam numerosos telegramas de
vários pontos do país, de apoio e sa-
ludação à assembleia.

João Mimoso apresenta uma moção
referente a uma nota officiosa do gover-
no sobre as reclamações do funcionalis-
mo, moção em que se extrania a dife-
rença estabelecida nesse documento en-
tre funcionários bem e mal remunera-
dos e se propõe uma manifestação de
solidariedade, sendo aprovada por aclama-
ção. Sebastião Eugénio, que é recebi-
do pela assembleia com salvas de pal-
mas, afirma que só um esforço conjun-
gado do funcionalismo lhe trará a me-
lhoria da situação e a consideração do
público. A classe ganha pouco, e tem
necessidades inadmissíveis a satisfazer.

O orador refere-se largamente à at-
titude do governo, comentando as suas
declarações e os trabalhos realizados
pela comissão central. Historia, depois,
Sebastião Eugénio as dificuldades e
complicações que surgiram, e que o
convençeram de que as reclamações de
algumas classes do funcionalismo pú-
blico não seriam atendidas. Alega-se
o (tesouro não tem recursos, mas quem
tem obrigação de velar pela aplicação
das receitas são os parlamentares, que
não se esqueceram de melhorar a sua
situação. Ninguém que seja honesto
pode pregar moralidade aos outros
sem a ter aplicado a si. Podem-se eli-
minar grandes despesas e a comissão
central de equiparação de vencimentos
tem estado e está disposta a lutar pelos
interesses do funcionalismo público.

Cita a atitude dos telégrafo-postais que
apresentaram uma reclamação de caract-
er immediato que foi sancionada por to-
do o funcionalismo, que a essa corpo-
ração não pode negar a sua inteira so-
lidariedade, que irá até onde for pre-
ciso. A comissão central julga o seu
mandato findo, esperando que a união
dos funcionários públicos traga a vi-
tória. Ou o Estado acede às reclama-
ções ou fica com a responsabilidade do
que acontecer.

Seguiu-se no uso da palavra o sr.
Barroso, do professorado primário,
que é de opinião que se nomeie uma
nova comissão, saudando a imprensa
que tem defendido o funcionalismo. A
classe deve ir até à greve se for preciso,
recebendo a assembleia com um entu-
siasmo extraordinário esta declaração,
erguendo-se vivas à greve e morras
aos amarelos. O orador ainda se refe-
riu a várias declarações do governo,
afirmando a solidariedade do profes-
orado primário. Ao terminar, foi o sr.
Barroso muito ovacionado, erguendo-
se novos vivas à greve.

O sr. Abel da Cruz, delegado do
pessoal dos hospitais civis, refere-se às
reclamações da sua classe, que se vem
arrastando há oito meses, referindo-se
também desfavoravelmente à atitude
do governo. O pessoal dos hospitais
constituirá a reserva do funcionalismo
e virá auxiliá-lo na luta, custe o que
custar, ficando o Estado com a respon-
sabilidade dum verdadeiro crime de
lesa-humanidade.

Santos Valente, do pessoal maior dos
Correios e Telégrafos, é recebido com
manifestações delirantes. O orador afir-
ma que a sua classe está de alma e co-
ração com o funcionalismo e sauda os
grevistas dos telégrafos e do Sul e Sueste.
O orador critica a atitude dos polí-
ti-
cos.

tempos. Os bancos em face da raridade
da moeda boa, procuram salvar alguma
que tenham ou adquiram, guardando-a
a sete chaves nas suas caixas fortes;
mas isto impõe nova emissão de
notas, e outra, e outra e nunca
mais acaba; havendo além de tudo, para
isso, uma razão imperiosa: a insaciá-
bilidade dos governos desgre-
gados.

Vimos que o câmbio em países bem
administrados, se desviava do par mais
ou menos devido a circunstâncias, de
certa gravidade algumas, mas puramen-
te accidentais. A diferença para o pa-
nua poderia exceder a cifra das
despesas com o transporte dos
metais.

Mas no caso agora considerado, com
câmbios fantásticamente longe do par,
essa diferença é principalmente afec-
tada pela relação entre o valor
do seu papel e o ouro. O excessi-
vo número de notas com curso
forçado, por lei ou fora da lei; a
situação das finanças governamentais;
a opinião apressiva ôbre o futuro do

papel moeda; o balanço entre as divi-
das e os créditos do país desorganiza-
do para com o mundo exterior, tudo isso
é traduzido nas estonteadoras di-
ferenças cambiais.

Mas o principal factor é, como se
disse, a abundância de papel-moe-
da de curso forçado.

Nestas circunstâncias, a volta ao pa-
re um... sonho... Seria preciso
mudar-se de processos governa-
tivos, haver pudor, decidida, von-
tade de administrar seriamente
etc., etc.

Isso, porém, torna-se, às vezes, im-
possível... se não erram os astros no
países em tais condições. E então é fa-
tal a catástrofe (1).

José Carlos de SOUSA

(1) Sobre todo o assunto deste artigo,
leitor, que o quizer aprofundar, consulte Va-
ladas, Leroy Beaulieu, Cabral de Mendonça
principalmente, do segundo, a sua moni-
mental "Economia e a sua ciência das fi-
nancas". Valadas é também oponente e Me-
ndonça na sua linguagem pitoresca de um
século, embora modesto, explica com
clareza.

Coerário: Se não foste ainda ao teu sindicato contribuir para a "Casa dos Trabalhadores" não te demores em fazê-lo

